

O efeito Pinotti

por Getúlio Bittencourt
de São Paulo

O presidente eleito Tancredo Neves continua vivo. Este foi o primeiro impacto provocado pelo relatório de 1.300 palavras lido ontem pelo chefe da equipe médica que o atende, professor Henrique Walter Pinotti, a partir das 16 horas, no Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo. O primeiro resultado político surgiu quatro horas depois, no edifício defronte ao centro, o Instituto do Coração, onde foi cancelado o curto discurso que o presidente interino José Sarney iria fazer.

Ao ler o relatório o professor Pinotti explicou que desejava apresentar esclarecimentos à comunidade médica e à opinião pública. E de fato duvidoso que o principal responsável pela situação clínica do presi-

dente da República tivesse tempo para interferir na política brasileira, estando compreensivelmente tão ocupado com a vida de seu paciente e com sua própria reputação. O efeito político de seu relatório pode ser interpretado como inadvertido, mas efetivamente existiu.

O trecho-chave, do ponto de vista político, fica nas linhas finais do relatório do professor: "Estamos, todos os companheiros de equipe, com o apoio da família Tancredo Neves, buscando a difícil, mas sempre possível, recuperação do paciente". A construção da frase oferece maior ênfase para a "sempre possível" do que para a "difícil" recuperação.

A ênfase no adjetivo "difícil" certamente estimularia o desentramamento da Nova República. Se o presidente interino estives-

se inclinado a governar já, receberia uma espécie de sinal verde dos médicos. O peso de uma recuperação "sempre possível", porém, devolve o maranhense José Sarney ao seu dilema hamletiano.

A evidência de que o presidente interino fez semelhante interpretação vem do cancelamento de seu discurso, previsto para ontem à noite, depois de sua visita à família de Tancredo Neves. Nos termos mais elegantes possíveis, seria algo como um discurso de posse. Mesmo quando o professor Pinotti observa, algumas linhas abaixo, que "o que temos pela frente vai possivelmente exigir um período prolongado e delicado", o texto relega Sarney à sua interinidade. No máximo os políticos poderiam conclamá-lo a assumir integralmente a sua interinidade.

O texto do professor Pinotti é frequentemente impreciso e obscuro. Quando ele afirma, por exemplo, que "não existem indícios de lesões irreversíveis em quaisquer órgãos", o leitor pode inferir que não há lesões irreversíveis em quaisquer órgãos. Mas os médicos simplesmente não sabem isso. Os pulmões e os rins de Tancredo Neves estão virtualmente desativados há dias e sua mente vive há quase um mês sob efeito de sedativos. A falta de indícios tanto serve para construir a frase do professor quanto a frase exata-mente contrária.

O presidente emerge vivo do relatório Pinotti, que termina com a expressão "plena cura" e é entremeado pela impressionante obstinação dos médicos.

Em parte, o texto lido pausadamente pelo cirurgião paulista foi recebido com a mesma incredulidade com que se ouviu, no dia 14 de março, o então ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel avisar que o presidente eleito estava muito doente. O mineiro Abi-Ackel estava dizendo a verdade para pessoas que estavam com as mentes ocupadas pelo roteiro e a posse da festa de Tancredo. O médico Pinotti exibiu sua esperança a pessoas que estavam preparadas para ouvir o pior.

O estado de Tancredo Neves continuou inalterado no que tem de pior. O texto do boletim médico distribuído no final da tarde de ontem afirma que seu estado é "grave"; ao lê-lo, o secretário de Imprensa, Antônio Britto, disse "muito grave". Estava sendo preciso. Mas qualquer pessoa pode admitir que pelo menos o professor Pinotti tem o direito de ter esperança.